

**NO HABBEMUS TITULUS!QUEREMUS TITULUS!**

*Genilson Leite Da Silva (genilsonleite.ds@gmail.com)*

*Camila Reis Tomaz (corporalidadeafroindigena@gmail.com)*

*Pammella Casimiro (pammellacasimiro@gmail.com)*

Este é um recorte de pesquisa continuada acerca das masculinidades negras enquanto outridades de masculinidades dissidentes, divergentes e insurgentes. Assim, sugere-se análise atenta às expressões diversas e distintas das masculinidades negras, em especial as tradicionais, faveladas e aliançadas em coletivos. Importante especificar os coletivos aqui mencionados como articulações movidas pelo cuidado e pela autogestão, sem disputa hierárquica de gênero ou geração. Nos três anos de investigação do coletivo de autores que os autores deste integram, observaram-se seis contextos distintos com semelhante desfecho. Dentre eles, participação em evento acadêmico, o motivador das pesquisas, escrevivências e outras escritas de nós como letras de sambas antigos e outras produções acerca da temática. Para o presente Seminário, parte-se do acúmulo de estudos realizados até aqui e lança-se luz sobre a recepção a dois trabalhos com temáticas afro centradas submetidos a eventos acadêmicos a nível de pós-graduação, ambos realizados em universidades públicas. Na primeira situação, autoras justificam suas referências masculinas negras como participantes das construções coletivas do pensar preto, onde o masculino e o feminino não apenas se complementam, mas se mesclam e, como muitas das percepções tradicionais afrikanas e indígenas, se protegem enquanto unidade, independente de sexualidade ou

identidade de gênero. Na segunda situação, o autor menciona sua co-autora e referência, sem que esta assumira voz na apresentação. Em ambas as situações, a recepção converge na dúvida, seguida de questionamento, sobre a permissividade supostamente passiva das mulheres ao permitirem um homem preto falar por não uma, mas duas mulheres pretas. Aparentemente, soa superficial chegar à conclusões tão imediatas sobre as funcionalidades de estruturas como o samba, ou o candomblé, alimentando a expropriação da cultura negra. Esta leitura do homem preto independente do espaço em que está, entretanto, parte de privilégios de uma masculinidade cis, branca patriarcal e ocidental, que o homem preto nunca chegou perto de possuir. Assim, corrobora-se com a expectativa descrita pelo intelectual Kabengele Munanga de que, ao se mover, o homem preto está com um alvo nas costas, agindo ou não dentro do pressuposto branco. Nos casos aqui observados, a leitura branca dos acordos pretos fere o pertencimento do homem preto e toda a construção histórica de coletividade em resistência preta e, em muitos casos, aliançada afro-indígena. Destacam-se nas análises atuais a infinita quantidade de casos a serem ainda descritos e observados, posto que durante a escrita deste, soma-se o exemplo de fala em evento recente sobre sambistas da primeira Velha Guarda terem sido machistas em seus tempos por agirem em acordo às estruturas pretas de sobrevivência coletiva. Nos tempos atuais, não faltam referências de autorias pretas e indígenas no formato eurocêntrico de organização do pensamento, isto é, acadêmicas, para consulta e aprendizado branco sobre o que não dizer, o que não esperar, o que não fazer. É, nesse sentido, que considera-se este manuscrito como um eco e reforço da pesquisadora Cida Bento em sua composição pedagógica sobre o Pacto da Branquitude e a manutenção dos privilégios brancos na academia partirem desse desinteresse em descontinuar.

Palavras-chave: racismo estrutural; racismo institucional; masculinidades negras.